



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

A Louca de Deus

Francisco Siqueira de Lima
Autor

A Louca de Deus



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará

Fortaleza
2013

Copyright © 2013 by INESP

Coordenação Editorial

José Ilário Gonçalves Marques

Diagramação e Capa

Mario Giffoni

Revisão

Lúcia Maria Jacó Rocha

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Impressão e acabamento

INESP

Foto da Capa

Talita - Jornal O Povo

Bibliotecaria responsável: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

L7321 Lima, Francisco Siqueira de.

A louca de Deus / Francisco Siqueira de Lima.

– Fortaleza: INESP, 2013

53p.

1. Barroso, Eunízia, 1940-2012, biografia.

I. Título

CDD 920

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.

INESP

Av. Desembargador Moreira, 2807 – Ed. Senador César

Cals, 1º andar – Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O livro biográfico de Eunízia Lopes Barroso, da autoria de Francisco Siqueira de Lima, propicia aos leitores instantes de reflexão, de procura do autoconhecimento, trazendo a lume a trajetória de vida de uma mulher altruísta à frente da Pastoral Carcerária.

O próprio título da obra *A Louca de Deus* leva-nos a questionar o porquê desse nome, logo esclarecido, seguramente, na feliz e acertada opção de D. Aloísio Lorscheider de dar o cognome de *Louca de Deus* à biografada. Louca não em seu sentido vernacular, mas pelo destemor, despreendimento, pela altivez e total entrega de si, com que Eunízia defendia os direitos humanos dos presidiários.

É com imensa satisfação que a Assembleia Legislativa do Ceará, por meio de seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp - publica a biografia da D. Eunízia Lopes Barroso, um exemplo de luta e determinação na defesa dos condenados da justiça, porém, igualmente, amados por Deus.

Deputado José Jácome Carneiro Albuquerque
Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PRÓLOGO

E conheci D. Eunízia, em meados de 1987, quando ainda estava recluso no Instituto Presídio Prof. Olavo Oliveira e ela comandava a Pastoral Carcerária da Arquidiocese de Fortaleza.

Os companheiros de cárcere já haviam me falado da sua coragem, da sua luta quase inglória em defesa daqueles que precisam mais do que um alvará de soltura.

Durante os quatro anos e cinco meses em que estive no IPPOO recebi dela lições para uma vida inteira e que tenho tentado transmitir através de encontros e palestras de que faço parte.

Sua dedicação à causa lhe tomava, muitas vezes, vinte e quatro horas por dia, porque sua presença era constante em todas as unidades prisionais, além de acolher muitos egressos em sua própria casa.

Foi assim durante dez anos até o fatídico episódio do sequestro, e num retrocesso no tempo lá se foram vinte e cinco anos de convivência com a Louca de Deus, muitos dos quais vividos fora do Estado, tentando levar a esperança, através da palavra de Deus que ela sempre enfatizava dizendo: - se não trabalharmos o interior destes homens o nosso trabalho terá sido em vão. -

Por conta de uma proibição federal, ficou impedida de adentrar nas unidades prisionais o que lhe entristeceu, sobremaneira, e aí quando lhe sugeri publicar sua biografia, a resposta veio com o jeitão só dela: rápida e rasteira. - Siqueira, biografia em vida só pra celebridades, eu não. -

Com muito jeito, porém pouca insistência, sem pressa nenhuma, começamos a gravar em fita seus relatos, desabafos, alegrias que foram poucas e decepções que foram muitas, porém, em nenhum momento a vi fraquejar, seja qual fosse o obstáculo, ou baixar o tom de voz ao defender seu ponto de vista sem se importar quem fosse seu interlocutor.

E isso ficou latente, em 1994, na Campanha de Fraternidade, quando o tema era "A Fraternidade e os Encarcerados" e o lema "Cristo liberta de todas as prisões".

Uma repórter de TV perguntou-lhe o que achava do tema e do lema da Campanha e a resposta foi uma "pérola": - "A Campanha da Fraternidade é o fortal da Igreja. Arrasta uma multidão, nos 3 primeiros dias e depois todos esquecem".

Em outro momento, num programa de TV, ao vivo, o Secretário de Segurança lhe afirmou:

- Na minha gestão nunca admiti tortura de presos. E ela:

- Mas não é isso o que vem acontecendo

E ele:

- A senhora está mal informada.

E ela, levantando-se da cadeira:

- Quantos presos que foram torturados na sua Secretaria, o senhor quer que eu traga aqui?

- Imediatamente, colocaram um comercial no ar e ela retirou-se do programa.

Assim era Eunízia Barroso. Não tinha medo nem papas na língua, em qualquer lugar e em qualquer situação. E por assim ser, ela conseguiu, sem que eu percebesse, retardar o lançamento da sua história até o dia da sua partida, indo fazer companhia a D. Aloísio, Pe. Chico Reardon, coordenador nacional da Pastoral Carcerária e tantos outros que lutaram em prol dos marginalizados pela sociedade.

Dela não sou apenas o biógrafo. Fui, também, incorporado como um filho a mais dentre tantos e agora dividido com você, leitor, os 25 anos de convivência e experiências adquiridas com a extraordinária Eunízia Barroso, através dos relatos que temos às mãos, onde o leitor compreenderá a dimensão do amor ao próximo e o legado que ela deixa para todos nós em sua história de vida.

Em seus depoimentos não há cortes ou edições. Ela detestava colocações triviais ou rotineiras, e assim, leitor, você se sentirá "conversando" com a Eunízia, para sempre a Louca de Deus.

Francisco Siqueira de Lima
Biógrafo

SUMÁRIO

Prefácio	11
Agradecimentos.....	15
A Infância	17
Primeira Comunhão	22
Retalhos de Vivências	24
A Adolescência, o Casamento e o Crescimento Interior	27
Experiência no "Caldeirão do Diabo"	35
Desconfiança na Política.....	37
Uma Missionária na Pastoral Carcerária	39
Da Generosidade à Crucificação, o Sequestro	43

PREFÁCIO

A maior parte das pessoas vive toda uma existência apenas passando pela vida, deixando de lado sensações como intensidade, solidariedade e amor às causas "impossíveis", que são facilmente rejeitadas pela maioria da sociedade. Outras são, extremamente, motivadas pelos desafios, são perenemente tomadas por uma vontade indomável.

Assim, era Eunízia Barroso. Uma gigante em meio a tantos afazeres, uma guerreira na defesa dos que mais precisavam de proteção. Uma mãe com o coração dividido em muitos compartimentos, todos sempre repletos de filhos consanguíneos e outros de sangue, suor e lágrima. Certamente, ela dar-me-ia uma bronca daquelas por tecer tantos elogios. Não gostava de loas com o seu nome; com o seu proceder diferenciado.

Dom Aloísio Lorscheider, na medida certa de seu bom senso, não poderia ter encontrado outro nome tão apropriado quando a chamou de a "Louca de Deus". Talvez nem ele pudesse imaginar conhecer alguém com tamanho desprendimento, doação e amor ao próximo. Eunízia não lograva reconhecimento de ninguém, a não ser que isso pudesse servir de ponte para suas ideias mirabolantes, impossíveis.

Conheci a Eunízia numa época muito difícil para os internos e para os egressos do sistema penal. Era um tempo terrível, onde a maior punição para aqueles homens e mulheres não era a perda da liberdade, mas o esquecimento, o preconceito, a desesperança. Quando a maioria de nós, simplesmente, ignorava a situação hedionda dos nossos irmãos e irmãs, ela se ocupava de dar brado de alerta, de levar conforto, de falar sobre esperança, justiça e perspectivas para o futuro.

Lembro-me bem de um episódio envolvendo Eunízia, Dom Aloísio e outras personalidades políticas e religiosas, numa visita da Pastoral Carcerária a uma grande penitenciária na região metropolitana de Fortaleza. Destarte toda a confusão causada pela rebelião, cárcere de reféns, fuga, violência e morte, aquele longo 15 de março de 1994 revelou ao mundo a coragem de uma mulher que arriscou a própria vida para garantir a segurança das outras pessoas envolvidas, em qualquer dos lados da questão. Vimos que os presos rebelados insistiram para que ela se retirasse daquela cena grotesca, pois não queriam vê-la machucada. Era a única naquele recinto que permanecia com o trânsito livre, condição que acabou de facilitar o diálogo entre os negociadores e os presos. Ela não arredou o pé até o último momento. Inacreditável o que aquela senhora aprontou naquela ocasião. Imprescindível a sua participação no desenrolar, amenizado, mesmo diante de perspectivas, naturalmente, tão ruins.

Coragem. Essa seria, sem dúvida, uma das qualidades mais surpreendentes de Eunízia. Coragem para doar seus melhores dias em favor da recuperação de vidas, de devolver pessoas ao seu estado natural: a humanidade.

Nunca compreendi bem o que motivava o coração da nossa Eunízia, mas, certamente, sou testemunha de algumas pessoas que foram tocadas pela sua obra transloucada. Sei de homens e mulheres que sofreram para serem perdoadas por uma maioria hipócrita, mas que reencontram o sentido da vida nas palavras, abraços, conselhos e broncas da maravilhosa loucura que exarava de seu coração.

Sou um tanto mais feliz e inspirado por ter convivido com a Louca de Deus. A nossa Eunízia Lopes Barroso.

Euler Barbosa



Eunízia com o filho Antônio José

A luta incansável de Dona Eunízia pelo respeito à dignidade da pessoa humana jamais será esquecida. Seu exemplo e perseverança à frente da Coordenação da Pastoral Carcerária devem guiar o trabalho daqueles que lidam com o tema cotidianamente.

Karlos José Bezerra Moreira

Bacharel em Direito pela Universidade

Federal do Ceará (UFC)

Ex-integrante do CAJU/UFC (Centro
de Assessoria Jurídica Universitária)

Oficial de Chancelaria do Ministério
das Relações Exteriores

AGREDECIMENTOS



Deputado Manoel Duca da Silveira, pela participação decisiva para a publicação desta biografia.

Deputado Ronaldo Martins pela autoria da Lei Estadual nº 14.485 de 08.10.09 (D.O. 16.11.09) que dispõe sobre a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares, públicas e privadas, de internação coletiva localizadas no Estado do Ceará.

-No dia 20/08/013 em Audiência Pública, por unanimidade, essa lei recebeu, com cristalina justiça, o nome de Lei Eunízia Lopes Barroso-.

Maria Dulce, Maria de Lourdes, Maria Tereza, Antonio José e Murilo Júnior, filhos legítimos de Eunízia e meus irmãos por incorporação e gratidão.

A todos os missionários que militam nas Pastorais Carcerárias do Brasil.

Igreja Evangélica Sem Fronteiras, meu refúgio com Deus nas horas de maior aflição.

Ullysson José Cruz Siqueira de Lima pela digitação, correção, revisão e edição do trabalho.

A Infância

Nasci, em Quixeramobim, no dia 26 de outubro de 1940, tive uma infância feliz como qualquer menina do interior, tanto que aprendi a nadar no açude de lá e onde, também, conheci as primeiras letras no Grupo Escolar General Assis Bezerra, com a saudosa professora Terezita.

Mesmo com toda essa tranquilidade de cidade do interior, com brincadeiras, sempre me senti só e, intimamente, com muitas interrogações. Morávamos em uma casa em frente ao mercado, onde quase sempre via a figura de um louco e bêbado e foi ali, também, onde presenciei os primeiros atos de violência da minha vida. Um soldado que, por ter todos os dentes de ouro, tinha o apelido de "Boca Rica" que, muitas vezes, quando ia efetuar uma prisão, quase sempre por embriagues, a fazia com muita violência, com chutes e pancadas terríveis. Eu ficava parada, perguntando-me o porquê daquilo. Sentia que não era necessário fazer aquilo com aquela pessoa. Por que as pessoas agiam assim?

As minhas primeiras lembranças da terna infância foram bem complexas. Imaginava um mundo bom, pessoas boas, o que na verdade ali não existia. Às vezes me perguntava: quando iria descobrir esse mundo? Eu sentia a diferença em pensar na existência de outro mundo, completamente, diferente.

Pensava, também, nas pessoas, onde estariam as pessoas boas que eu pensava existirem? Será que elas existiam? Divergente disso tudo é que, enquanto a maioria das

meninas da minha idade brincava de bonecas, ou tinha um cachorrinho para criar, o que mais me sensibilizava era ver um objeto no lixo. Para mim, tudo ali tinha vida, nada era para ser descartado. Daí então fui chamada de louca: era uma preocupação para os meus pais eu agir daquela maneira. Chorava ao ver um sapato velho ser jogado fora... Saber que ele levaria chuva. Ver aquele sapato na chuva, no lixo, entristecia-me. Eu pensava: não é possível ele ser jogado fora, assim, depois de ter sido tão útil. Minha preocupação era tão grande que chegava a apanhar o sapato no lixo, levava-o para casa e guardava com uma porção de coisas que já havia apanhado no lixo. Nada eu deixava abandonado, qualquer objeto que visse jogado, levava para casa. Tinha uma atração especial por sapatos tortos, enrugados pelos efeitos da chuva e do sol. Tinham os aspectos mais "sofridos" que os outros.

Era fácil de me apegar às pessoas. Tinha uma empatia muito grande pelas pessoas mais simples. Como as pessoas que ajudavam minha mãe, por exemplo. Eu gostava de acompanhar o ritmo delas. Lembro-me de que, nas tardinhas de domingo, elas procuravam um restinho de goma na lata para fazer tapioca no tradicional fogão de lenha. Era muito gostoso e o que me chamava a atenção era a limpeza, apesar do ambiente rústico, característico das cidadezinhas do interior. Daí eu pensava que, para viverem bem as pessoas não precisam ter muita coisa. Basta harmonia, limpeza, pureza e generosidade.

Quando eu era ainda pequena, minha família foi para Acauã, entre Sousa e Pombal, na Paraíba. Lá nasceram meus irmãos Airton e Euzenir. Voltamos para Quixeramobim, em 1946, e depois viemos para Fortaleza, em setembro de 1949, onde meu pai trabalhava na antiga RVC, depois RFFSA. Talvez por este motivo ainda hoje seja torcedora do Ferroviário. Primos, tios, todos trabalhavam na RVC.

Quando estávamos na Paraíba, tínhamos as viagens, era uma vida muito tranquila, na horizontal. Meu pai era agente conferente, numa cidade pequena onde todos se conheciam. Quando havia uma festa, um baile de posse do prefeito, meu pai era convidado. Minha mãe era muito vaidosa; meu pai sempre foi meu ídolo, uma pessoa que gostava muito de ler, uma pessoa silenciosa, o contrário de minha mãe com quem eu não tinha muita afinidade.

Uma das lembranças da minha infância foi o Código Morse. Sempre tive vontade de aprender o Código Morse. Meu pai dava aulas de telegrafia na cidade, mas voltando à minha mãe, ao contrário de mim ela gostava muito de jóias, de cuidar muito dos cabelos, de estar sempre bem vestida, sempre pintada e isso não me deixava à vontade, até porque ela queria que eu fosse do mesmo jeito. Parecia obrigação os pais passarem para os filhos esse tipo de coisa.

Hoje não. Sei que temos de respeitar a liberdade de cada um. Chegava a chorar com as insistências da minha mãe em querer que eu me arrumasse toda pra ir à escola. Não era comigo ter que passar batom e encher meus cabelos de tranças para fazer os gostos de minha mãe. Sentia-me bem do jeito que eu era e não tinha nada que por rosas nos cabelos, porque as meninas da escola o faziam. Sempre fui muito antiga, gostava de brincar. A dificuldade estava no fato de as pessoas estarem me impondo a fazer coisas que eu não queria ou que achavam que poderiam ser feitas de outra maneira; eu queria expor minha opinião, mas isso elas, também, não aceitavam o que já era por demais suficiente para ser considerada diferente.

Eu era uma pessoa calada, mas depois fui mudando, passei a ser mais sensível a entender mais as coisas e por assim ser, passei a opinar mais, adquirindo um gênio forte. Essa mudança de gênio deixou-me lembranças fortes. Quando eu e minha irmã éramos colocadas no "castigo", eu sempre saía por ultimo, pois meu orgulho não

me permitia que pedisse perdão. Minha irmã pedia. Seus gritos e sua facilidade em se fazer de vítima eram suficientes para que ela se livrasse do "castigo", e eu, como meu pai dizia, teria que ser mais humilde e, assim, seria menos doloroso para mim. A verdade é que me sentia injustiçada. Não tinha culpa: não deveria estar ali e queria que os outros reconhecessem sem que eu implorasse. Acho que daí veio essa minha sêde de justiça.

Então passei a ser rancorosa, amarga, diferente, cheia de opinião e não dava o braço a torcer. Batia o pé no chão, quando teimava algo, segurava minha opinião mesmo que tivesse que sofrer as consequências depois. Eu poderia sofrer, chorar por dentro mas jamais deixava cair uma lágrima. E como ninguém me entendia, procurava isolamento. As pessoas que me julgavam me achavam diferente, mas eu sabia que não era, e como já sentia tudo isso tinha que ser coerente comigo mesma e sofria demais com isso.

Recordo ainda as escolas onde estudei: 1º ano primário na Associação dos Merceeiros, 2º ano no Grupo Escolar Rodolfo Teófilo, em Fortaleza, 3º ano no Santa Cecília, 4º ano na escola da RVC, 5º ano no grupo Escolar Juvenal Galeno e o restante na Escola Justiniano de Serpa. Sempre fui muito aplicada na escola, estava sempre em 1º lugar em todas as matérias. Lembro-me de uma colega que estudava comigo, gostávamos de sentar juntas fazendo dupla. Era uma garota muito amiga, mas ela fez uma coisa que não gostei e deixamos de nos falar. A professora percebeu e insistia que nós fizéssemos às pazes, ou, pelo menos, tentássemos uma aproximação.

Num sábado teve uma aula de recreação onde tínhamos que ir lá à frente, contar uma história ou levantar-se e fazer uma leitura bem bonita. A professora, D. Zulene, pediu meu livro emprestado para me obrigar a pedir o livro da amiga com que eu não falava, e eu lhe disse que não adiantava fazer isso. Cheguei a ficar de "castigo" a aula inteira por discutir com a professora, mas não pedi o livro

à menina. Eu poderia não estar certa, mas não concordava com a atitude da professora.

Eu tinha ainda facilidade enorme para decorar, principalmente, os poemas do Olavo Bilac, mas, declamá-los em público, nem morta. Tinha pavor de sentir-me uma espécie de caloura. No final do ano, quando minha mãe ia apanhar as minhas provas, recebia inúmeros elogios quanto ao meu rendimento escolar e, ao mesmo tempo, as denúncias quanto ao meu gênio forte. Isso sempre foi uma marca registrada para mim.

Hoje sei perfeitamente que não era, simplesmente, não querer me dobrar ou de não ter humildade. Era questão de ter firmeza naquilo que você acredita. Eu acreditava que as coisas tinham que ser justas, tinham que ser certas. Daí mesmo, conscientemente, eu trilhava por esse caminho, não me dobrava, não arredava o pé.



Eunízia com filhos.

Primeira Comunhão

Um fato que me marcou muito foi a minha primeira comunhão. Naquela época, as crianças a faziam com sete anos de idade. Eu era muito voltada para a religião, fiz o 1º e o 2º catecismos, tudo decoradinho. As rezas, da Salve-Rainha ao eu pecador, tudo estava prontinho, como se dizia, tudo decoradinho, na ponta da língua. Meu pai veio a Fortaleza, comprou um vestido de tafetá branco, sacolinha, manual, terço, grinalda, véu, fiquei uma noivinha.

Acontece que a catequista morava vizinho à nossa casa e a empregada dela havia saído para trabalhar conosco e isso gerou um clima de animosidade constante entre ela – catequista- e minha mãe. Nossos quintais eram divididos por uma cerca e sempre que minha mãe e a catequista iam ao quintal, era motivo de discussão por conta da empregada que nada tinha a ver com a história. Por conta dessa desavença, tivemos que nos mudar e fomos morar vizinhos a Igreja do Rosário.

Mudamos-nos, mas pensei que poderia continuar frequentando as aulas de catecismo. De onde nos mudamos para a casa da catequista era um pouco distante, um sol muito quente e ao chegar à sua casa, uma casa rústica, com batentes ou degraus em forma de meia-lua, ela foi logo me dizendo: Você pode voltar que eu não lhe ensino mais. Que impacto! Já com tudo comprado... Não haveria 1ª comunhão.

O vestido que meu pai comprou foi cortado e transformado em dois. Um para mim e outro para Euzenir minha irmã. Creio que até hoje, por aí em algum lugar que não me lembro, deve existir fotos de nós duas com essa amarga recordação: um vestido que foi o fracasso de um sonho transformado em dois pedaços de um só pesadelo. Foi a primeira grande decepção da minha vida não ter feito a 1ª comunhão aos sete anos, com aquela fotomontagem que faziam com um quadro de Jesus pondo uma hóstia na boca da gente... Uma tristeza só, única. A primeira perda de algo que eu mais queria e isso me marcou profundamente e para sempre.

Voltei pra casa aos prantos e minha mãe disse: Ah, deixa de bobagem, esquece. Quando voltamos pra Fortaleza e eu já estudava no Rodolfo Teófilo, próximo, mas não muito próximo, ficava a Igreja dos Remédios, e o Padre foi nas salas e aí fiz a minha 1ª Comunhão aos 10 anos, sem foto, completamente, diferente do que sonhara. Tive um desmaio, não havia água e para engolir a hóstia foi uma dificuldade, enfim, um fiasco.



Filha Tereza e netos.

Retalhos de Vivências

Nós vínhamos de uma cidade pequena, onde as coisas, aparentemente, corriam bem. Era época de sufoco, de repente mudou tudo, mas eu encararia. A casa que nós morávamos tinha uma área onde me deitava no chão e ficava olhando para as nuvens, fascinada, porque não entendia como elas formavam aquelas curiosas figuras. E ficava horas olhando para o alto, provocando em minha mãe comentários de que eu estava ficando meio louca; e foi nessa época que meu avô veio de Teresina, ele que era piauiense. Veio com a mulher e quatro filhos e com isso aumentou, significativamente, a despesa em casa por conta de sermos a partir daí, duas famílias, pois meu avô perdera tudo, até os arreios dos cavalos. O que havia sobrado, como malas, roupas e outras bugigangas foram perdidas no acidente do caminhão em que viajavam no tombamento no rio Poty.

Meu pai, então, para complementar a renda passou a comprar e revender carvão, que apanhava na Pacatuba. Fazia a revenda, basicamente, na periferia e começou aí uma melhoria real do nosso padrão de vida. Mudamos-nos do bairro Santa Terezinha para a Gentilândia, na Travessa Sobral-54. Fui estudar no Colégio Santa Cecília, tínhamos motorista, enfim, passei a ter uma ideia do que era ser rico.

Estávamos acostumados com aquela vidinha pacata e modesta e por assim ser, meus pais eram unidos. Com o

dinheiro e as mordomias, começaram as brigas, meu pai começou a beber, promover festas onde ele sempre pagava tudo. Lembro que, na minha infância, meu pai não bebia nem licor e de repente tornou-se um viciado em whisky. Aí eu me interrogava: Cadê a minha vida do interior? Meu pai passara a trabalhar em dobro. Durante o dia era funcionário da RVC e à noite revendia carvão, que na época era muito utilizado à guiza de gás de botijão.

Como disse antes, o dinheiro permitia-nos muitos gastos. Minha mãe, por exemplo, tinha sempre suas roupas renovadas, comprava inúmeras jóias, mantinha sempre contato com pessoas que negociavam tapetes, cristais e tudo aquilo na realidade espantava-me. O conceito de amizade tornou-se forte para mim. Meu pai tinha dinheiro para tudo, até para pagar para que tirassem seus plantões e, assim, pudesse vender mais carvão. Nossa casa era frequentada por grandes comerciantes, diretores de empresas, gerentes de lojas e pessoas que eram respeitadas na cidade; e meu pai sempre pagando tudo, do churrasco ao whisky. Será que tudo aquilo vinha do dinheiro? O dinheiro traria assim tanta felicidade para as pessoas?

Tudo isso, porém foi mudando a personalidade do meu pai, que havia passado a ter mais atenção para o mundo afora do que para a sua própria família e minha mãe passou a sentir a diferença. Toda aquela harmonia e preocupação com o bem-estar de todos nós foi ficando em segundo plano, a situação foi se agravando, passou a haver brigas entre o casal, a angústia tomava conta da minha mãe que se desesperava e maltratava-se jogando roupa no meio da casa, tamanha era a raiva e a decepção.

Percebia-se a vontade da separação com a volta para a casa dos pais, mas tudo discretamente, pois o que parecia haver por baixo daquelas roupas de seda e todos aqueles brilhantes era a felicidade em pessoa. Eu entrava em pânico! Ah, meu Deus! Tinha receio em clamar o nome de

Deus. Passei a ter medo das pessoas que rezavam tanto quanto as pessoas que brigavam na política. De uma coisa tenho certeza: todo ser humano, quando vem ao mundo, traz consigo um fio de ouro ligado e que se corta: o cordão umbilical. Mas entre Deus e a gente, não.

Esse fio de ouro é um bem que permanece, que pode ser elástico; a gente pensa que não existe, que se perdeu e que não se sabe onde ele ficou. Nós mesmos, depois de muito tempo percebemos que ele continua. Tudo aquilo que passamos nos serviu de lição. Dinheiro, ao contrário do que se propaga, não traz felicidade. Meu pai perdeu tudo. Seu contador o traiu, foi uma confusão.

Depois de tanto desgaste foi embora e abandonou tudo. Além de perder os bens materiais, meu pai acabou perdendo, também, a coragem e a dignidade. Procurou encontrar na bebida a fuga e (ou) a solução para os problemas. Tornou-se um bêbado pobre, mas diferente. Nós estávamos numa horizontal e de repente caímos numa vertical que se inverteu para baixo e tudo derrapou. Eu associo isso à parábola bíblica do filho pródigo. Quando conhecemos Deus, tudo muda de opinião, tudo parece gráfico. De repente, tudo está lá em cima, quando você vê, desce tudo de uma vez só.



Eunízia Barroso e Padre Alfred Nyedermayer.

A Adolescência, o Casamento e o Crescimento Interior.

Minha adolescência foi entre marginais e prostitutas, no bairro Moura Brasil, muito marginalizado na época. Foi quando tive contato com muitas pessoas drogadas. A má fama do bairro fazia com que a polícia lá estivesse, quando havia qualquer ato de violência nas proximidades. Lembro-me de alguns apelidos colocados em marginais conhecidos por todos, como "Cícero da Barrutina", e o "Butano", que só roubava botijão de gás, "Três Rodinhas", que costumava aplicar 2,3 facadas em suas vítimas. Mesmo morando entre pessoas sabidamente, de péssima índole, nunca tive medo delas.

Nessa época meu pai - que era funcionário da antiga Rede Viação Cearense - RVC, trabalhava na estação marítima e eu era a responsável de levar o almoço pra ele, diariamente, e com isso saía do Moura Brasil ao Poço das Dragas, atravessando o curral e a cinza que eram o QG da prostituição da pesada. A "cinza" tinha esse nome porque era lá que a *Light* jogava as cinzas da combustão do fornecimento de energia. O curral, onde funcionava o baixo meretrício, ficava no final da rua Gal. Sampaio, na atual Emcetur. Eu fazia o trajeto seguindo o trilho do trem. (Vejo os trilhos novamente na minha vida, relembra

Eunizia). Certa vez aconteceu de, na minha passagem, o "Três Rodinhas" me abordou:

- Vais pra onde, menina?
- Vou levar a janta do meu pai, respondi.
- Aqui não é lugar pra você, disse ele.

Meu pai não tinha mais as facilidades de antes, quando outros assinavam o ponto por ele. Havia acabado a mordomia e ele tinha que trabalhar de verdade, não havia a riqueza de outras épocas. Quando ele fazia pernoite, na época não era plantão, a Rede tinha que vir pegá-lo e depois trazê-lo, porque ele não carregava pacote. A filha adolescente é que tinha que fazer isso por ele. Surpreendente era o "Três Rodinhas" ficar observando a minha passagem até que eu sumisse nos trilhos, tal e qual um cão de guarda (creio que ali nascia a missionária, palavras do biógrafo).

As casas do curral tinham batente onde as mulheres ficavam com aqueles vestidos enormes, de tule. Eu as achava lindas e não entendia porque sofriam. Minha passagem pelo local surpreendia devido, principalmente, à idade e eu era bonita, cabelos longos, com tranças, mas havia o "Três Rodinhas", que não deixava ninguém me importunar, embora ele metesse medo em todos os demais. Eu transitava entre os marginais e as prostitutas, e, também, entre os pescadores. Foi quando morreu uma criança de dois anos, de fome.

Não sei se você já viu uma criança que morreu de fome. Uma cena triste. Apenas um pouco de pele cobrindo os ossos do pequeno "anjo" como se chamava antigamente. Uma velha "radiadora" (sistema de som antigo) tocava músicas antigas fúnebres, anunciando o falecimento e tomei para mim o sofrimento como se a criança fosse meu filho e falei pra minha mãe que, claro, não concordava com qualquer envolvimento com a comunidade pobre. Ela não

aceitava a ideia de morar ali, mas eu estava sempre no meio deles.

Ela disse-me:

- Saia fora disso! Se não conseguirem o dinheiro para o caixão a policia fará o enterro. Fiquei incrédula. A polícia de repente se tornar generosa a ponto de promover enterro de pobre... Fui ao sepultamento que, somente, ocorreu por conta do caixão cedido pela Santa Casa. No cemitério São João Batista, sofri um impacto emocional muito grande, quando chegaram à cova e lá depuseram somente aquele corpinho esquelético, ficando o caixão para ser reutilizado. Aquilo foi demais para mim que imaginava que aquele corpinho guardado em um caixão não iria mais sofrer. Voltei pra casa correndo... aos prantos. Não aceitava que as coisas acontecessem assim. Vinha à minha memória as imagens dos sapatos velhos de Quixeramobim. Começava ali o meu questionamento da existência ou não de Deus. Aquela menina vinda do interior, com extrema sensibilidade, não acreditava, naquele momento num mundo irreal, onde as pessoas verdadeiramente se amassem. Distanciava-se, cada vez mais, de mim a certeza da existência desse mundo que eu acreditava existir. E continuava cada vez mais me perguntando: será que Deus existe?

Um fato vale relembrar para ilustrar a minha convivência involuntária com a violência. Naquele tempo viam-se muitos vendedores de fígado ou panelada com caixotes de madeira na cabeça, oferecendo de porta em porta. Várias vezes os vi se desentendendo e, como andavam com facas afiadas, ali mesmo brigavam até a morte. No começo, eu sentia frio no estômago, prendia a respiração, não me sentia bem, mas com o tempo a gente acaba se acostumando. Até hoje, farofa de caldo de carne com a mandioca faz-me lembrar sangue misturado com terra, tão forte foram às cenas por mim presenciadas.

Ah, como eu questionava a presença de Deus diante de tanta maldade... Mulheres fazendo aborto, briga entre elas, as prostitutas, os malandros e até brigas de crianças. Foram tantos anos de violência que até hoje lembro o número 2874 que era o da Rádio Patrulha, que ligávamos no telefone da Mercearia Jaguaruana que ficava em frente ao Cemitério São João Batista, ou ligávamos para o 2222 que era da Assistência Municipal, avisando que alguém estava se matando. Tudo isso me fazia assumir uma dupla personalidade. Durante o dia a adolescente que ia à escola, brincava e à noite divertia-se, passeava, porque quando escurecia por fora, escurecia também por dentro. Era isso, quase uma dubiedade de personalidade.

(Toda uma convulsão distorcida e indefinida de personalidade - visão do biógrafo -) Daí a minha vida foi se desenrolando numa escala crescente de fatos marcantes e que vamos enumerá-los. A descrença em Deus por conta de fatos já narrados durou dos trezes aos vinte e oito anos. Logo aos quatorze anos morreu em mim a idolatria que mantinha por meu pai, desfeita que foi por conta de sérios conflitos familiares. Aos quinze anos, a frustração na sonhada festa que não aconteceu, aos dezesseis a parada definitiva dos estudos e o primeiro emprego na loja Moto Peças, na Rua Senador Alencar, como caixa. Aos dezoito anos conheci o marido Murilo, mais precisamente em 18.04.58 e nos casamos em 05.06.59.

Eu era dezoito anos mais jovem que o Murilo e o casamento para mim foi uma forma de libertação. Eu não estava preparada para o casamento, essa é que é a verdade. Julgava que, casando, além de ficar livre das coisas que não concordava, ainda teria minha própria casa, onde poderia levar os "objetos" rejeitados da minha infância: os loucos, os carentes, os tuberculosos, enfim todos aqueles que necessitassem de uma mão para ajudá-los. E foi aí que

quebrei a cara. Para fugir de um problema esbarrei em outro bem mais difícil.

Para que se tenha uma ideia da distorção da situação, o Murilo lavava as mãos com álcool sempre que pegava em mão de gente pobre. Incrível, não? Literalmente quebrei a cara com o casamento. Muitas brigas, tentativa de suicídio; o sonho de liberdade tronou-se um pesadelo, levando-se em conta que o Murilo tinha o dobro da minha idade. Eu com 17 e ele com quase 36, de formação social, cultural e financeira, completamente, diferente da minha.

Como sempre os desafios foram surgindo para serem vencidos. Vieram os filhos e, aos poucos, o Murilo foi cedendo e permitindo que eu levasse para casa as pessoas que encontrasse na rua. Não foi fácil, foi um sofrimento a toda prova, tanto que fui acometida de um esgotamento nervoso que quase me levou ao suicídio, justamente, por não acreditar nos homens e em Deus, como frisei anteriormente.

Achei que devia por um fim a vida e assim o fiz. Fui parar no hospital e de lá transferida, posteriormente, para a Casa de Saúde São Gerardo onde fiquei internada durante um ano, isso em 1969, mas precisamente em outubro. Aconteceu que, certa vez ouvi os médicos conversando, a porta estava entreaberta, sobre o meu caso, e eles afirmavam que o meu problema não era neurose e sim psicose. Foi o bastante para que eu pegasse as minhas coisas para voltar para casa. E ouvi deles: - Você vai, mas volta! – Realmente voltei. Voltei três vezes. E depois não voltei mais.

Foi um período difícil para minha readaptação, devido à impregnação, pois temos que levar em conta que cada vez que saí, voltei bem pior que antes, mas as coisas foram acontecendo de forma mais amena e menos sofrida, devido, também, o Murilo ser de formação religiosa convicta- rezava o terço, diariamente, e insistia para que

fizéssemos o mesmo e no início isto também foi motivo de brigas.

Em outubro de 1969, estava surgindo em Fortaleza o movimento religioso Focolari e o Murilo me convidou para que fosse também. Depois de muito relutar em não ir, acabei concordando, afinal eu não acreditava mais em nada e isso contribuía para que eu me afastasse mais de Deus. Fui. E o que mais me impressionou é que na entrada, logo na entrada, percebi nos fundos da sala uma faixa com a frase: AMAI-VOS UNS AOS OUTROS COMO EU VOS AMEI.

Eu que não queria comparecer ao encontro, de repente chamei uma pessoa conhecida, a Dorinha, que morava na antiga Baixa da Jumenta, na Maraponga e disse-lhe: Dorinha, vamos nos sentar lá na frente, vamos? Quero ouvir de perto todas as mentiras que vão contar. Hoje aqui com certeza só vai sair mentiras. Eu conhecia o matai-vos, odiai-vos, caluniai-vos, mas o amai-vos era novo para mim.

Quem começou a falar foi um padre italiano, padre Pepe, que narrava à vida dele falando de um Deus- amor que, na realidade, era uma coisa novíssima para mim, que até então só conhecia o Deus que permitia criancinhas serem enterradas sem caixão, permitia as pessoas sofrerem. E após o testemunho do padre Pepe, no intervalo conversei com ele e disse-lhe que embora não acreditasse em tudo aquilo que fora dito, sentia que ele havia sido verdadeiro, mas mesmo assim aquilo não era para mim. Disse-me ele: - pelo contrário, é só pra você. – E convidou-me para um novo encontro que aconteceria em janeiro de 1970 em Garanhuns, Pernambuco, conhecido como Congresso Mariápolis. Foi a minha primeira Mariápolis.

O contato com o novo, porque ali o encontro não era de um dia e sim de uma semana e a cada dia era lida uma frase do Evangelho e que os participantes do Congresso tentavam colocar em prática. A esse Congresso fomos eu, Murilo e minha primeira filha Dulce.

O interessante nisso foi a dificuldade porque passamos até podermos chegar a Garanhuns. Foram inúmeras, e a cada uma foi sendo superada até que lá chegamos. Quando terminou o Congresso, eu não queria, de maneira nenhuma, sair de lá, queria ficar junto daquelas pessoas, porque ali estava redescobrando o verdadeiro amor, sabendo da existência de um mundo onde as pessoas se amavam, como nos primeiros tempos.

Foram descobertas maravilhosas e como cheguei a falar, anteriormente, que temia a noite porque era durante o dia que as coisas aconteciam e a noite era péssima e um desses dias nos trouxe uma frase: - Senhor, fica conosco porque anoitece- que é a passagem de Jesus com os discípulos de Emaús e para mim mais uma descoberta maravilhosa, porque eu descobria que Deus estava ao meu lado não só durante o dia, mas também á noite. Enquanto eu dormia ELE velava o meu sono. Tudo fazia parte de uma transformação, um recomeço, um renascer em Deus e descobrindo, principalmente, que a Igreja viva somos nós.

Não é preciso que sejamos carolas indo à Igreja, diariamente, mas fazendo tudo que é verdadeiro, não quando se tem dinheiro, e sim, exatamente o oposto. Comecei a por em prática as experiências vividas ali, e embora eu tenha nascido assim, voltada para o sofrimento do outro, precisava de um vínculo, porque temos em nós um misto de humano e de divino, - e eis que se fazem novas todas as coisas- e tinha muito do humano em mim, muitas coisas boas que haviam sido estragadas e que ali eram uma reconquista, um recomeço, um renascer com a descoberta do Deus- amor.

A partir dali, tudo o que eu fazia pelo outro era por amor a Deus. Fosse ao copo d'agua para manter a sede de alguém, um prato de comida, uma roupa ou remédio, o fazia por amor a Deus. Ajudar o próximo por amor ao filho do Pai que nos criou à imagem e semelhança Dele. Era vendo no outro o Jesus que sofreu o Jesus pobre, o

Jesus nu, o Jesus com fome, sempre procurando "chegar junto", usando uma frase-jargão dos presos- mas sempre com a conotação humana sendo precedida pela colocação de Deus em primeiro lugar.

Uma das experiências- entre tantas- que costumo citar é a do ato de costurar. Eu não sou uma boa costureira no sentido da organização, agulha num lugar, linha em outro, etc., tinha o hábito de cortar a linha com os dentes e não com a tesoura como seria lógico, e, de repente passei a fazer a coisa certa como se alguém estivesse me observando, e são nessas pequeninas coisas que fazemos com retidão, de forma correta, que se manifesta a presença de Deus. Ao limpar o banheiro, por exemplo.

Aquele pequeno cisco que fica e que às vezes as pessoas colocam sob o tapete, eu o retiro, mesmo a casa sendo minha e sem ter ninguém aparentemente olhando. Por que isso? Porque quando alguém ali entrasse, não encontrasse a minúscula sujeira e sim a presença de Deus. Uma coisa que, também me surpreendeu foi a Igreja, o templo, seja que estilo fosse. Descobri que a Igreja somos nós verdadeiramente. A missa hoje para mim tem um sentido diferente. Não é somente comunhão, eucaristia.

Não sou uma cristã que vai a missa diariamente, que costuma comungar diariamente, não, mas quando o faço, faço por amor a Deus. Comungar deixou de ser apenas ato de por a hóstia na boca como o corpo de Cristo. Encaro o comungar como um ato de comungar com o outro que está ali ao lado, sofrendo. Às vezes não sou compreendida, as pessoas acham que sou masoquista, que falo da dor, mas essas pessoas ainda não entenderam o sentido da dor. (Veremos em todo o decorrer do relato que, a cada dor, decepção ou sofrimento, houve um enriquecimento valioso em lições de vida, jamais experimentado por alguém, alguns testemunhados pelo biógrafo).

Experiência no “Caldeirão do Diabo”

Foi em 24 de dezembro de 1997, o momento mais crucial de quem dedicou o tempo, o coração e o amor àqueles que mais precisam da compreensão e generosidade.

-Durante meu tempo na Pastoral presenciei quatro rebeliões. Primeira aquela de D.Aloisio, depois uma no Olavo Oliveira, onde tive uma tristeza muito grande. Foi onde te conheci em 1987. (Referindo-se ao biógrafo)



Eunízia e reeducandos – IPPOO FOTO: Talita/Jornal O POVO.

Foi terrível saber que estava havendo uma rebelião no Olavo Oliveira, corri pra lá, a diretora era a Dra. Sandra Dond, que estava lá, mas tinha um Coronel da Policia que não queria permitir a nossa entrada, mas permitiu sim. – Ela é a diretora e eu posso, também, entrar, sim.

Quando entrei a visão era aterradora. Todos os presos somente de cueca, deitados de bruços no campo de futebol, mas parecendo um tapete humano, e um soldado que estava atrás de mim disse : - Que bom se tivéssemos uma patrol para passar em cima de todos-.

Aquilo me deu uma tristeza tão grande....

Na segunda rebelião, no Paulo Sarasate, depois da de D. Aloisio, onde morreu o Roberto Doido, eu vi um policial que era o tipo de sujeito boçal, perverso, a cara dele destilava maldade. Enquanto municiaava o revólver, ele polia e beijava cada bala. Aquilo, também, me marcou e muito, e, ao mesmo tempo voltava aquele principio de que ladrão não recupera ladrão e perverso não recupera perverso, violência não gera paz, gera é mais violência.

E a última foi a rebelião do Natal, onde fui feita réfém, com a empresária, o presidente da Fundação dela e o Tenente Tomáz, chefe da segurança.

Outro fato marcante aconteceu numa ala do presídio chamada Selva de Pedra, que é uma prisão dentro de outra prisão, onde nem todo mundo entrava e no dia do meu aniversário eu tive que deixar a família, porque eles tinham me convidado para passar o meu aniversário com eles na Selva de Pedra.

Eram mais ou menos 15h 30min, quando trouxeram um bolo grande, tudo isso feito pelo Mainha, fizeram um grande círculo com todos de mãos dadas, rezamos um Pai-Nosso, cantaram os parabéns. Eu sei que os meus familiares, às vezes, ficam magoados quando faço essas coisas, mas acontece que aquela data, dificilmente, eu vou esquecer enquanto eu tiver vida.

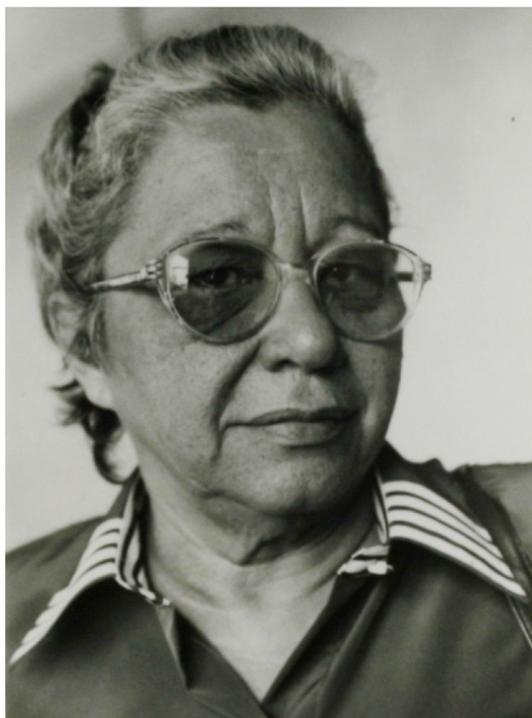
Desconfiança na Política

Um fato- entre tantos- que me marcou muito aconteceu, em Quixeramobim, e foi em relação ao José Martins, que era um líder político da antiga UDN e que havia se mudado para próximo de nós e era nosso vizinho. Muitas vezes eu ia à casa deles e surpreendia a mãe da Maria Martins chorando. Eles eram muito pobres, possuíam apenas algumas cadeiras quebradas e nada mais. Lembro que minha mãe perguntou:- você entende de política? Não?

O pai dela perdeu tudo na política... A política passou a ter de repente para mim a proporção de um dragão, uma coisa perversa como aqueles soldados que eu vi maltratando as pessoas que passaram a ser catalogadas, no rol das coisas que não serviam a política. Daí passei a sentir algo tenebroso, que me arrepiava quando uma pessoa mencionava a palavra política. Naquele tempo, a política era muito partidária; havia muitas festas de Santo Antonio, que pertenciam ao Sr. Fenelon e uma outra que era do padre, a Voz de Santo Antonio.

Eles tinham um novo líder político e eram inimigos e, muitas vezes, a procissão do dia de Santo Antonio era cancelada, todo mundo tinha que fechar as portas, ficar dentro de casa pois haveria tiroteio. O partido contrário ao padre chegava e invadia tudo, quebrava tudo, era uma algazarra só e tudo isso só contribuía para que eu continuasse achando que a política não era uma coisa boa,

servia apenas para intrigar as pessoas. Longe de mim... nunca vou querer saber dessas coisas. Pensava. Quando, em 1962, o Murilo, meu esposo, disse que ia se candidatar a deputado estadual, tive a sensação de estar sentada numa mola, tamanho o choque que quase me elevou ao teto.



Eunízia. FOTO: Talita/Jornal O POVO.

Uma Missionária na Pastoral Carcerária

Eunízia ingressou na Pastoral Carcerária em abril de 1986 através da Associação de Proteção e Apoio aos Condenados - APAC. Ela relembra: fui participar de um Congresso do Movimento dos Focolari e lá conheci um Juiz de Direito, Dr. Carlos Demóstenes, que me convidou para fazer um trabalho nos presídios. Como eu já fazia um trabalho no asilo da Parangaba, eu pedi a Deus, numa madrugada, que me desse uma resposta, e a resposta que Ele me deu é que fosse, largasse tudo, pois quem pega no arado não pode olhar pra trás. E fui.



Eunízia, Siqueira e Padre Chico Reardon, Coordenador Nacional da Pastoral Carcerária e quatro voluntárias.

Comecei no Instituto Professor Olavo Oliveira, depois no Instituto Penal Paulo Sarasate. E quando cheguei ao Paulo Sarasate, eu lembrei-me de uma reza da minha mãe, lá na infância, o Credo, -... desceu ao inferno no terceiro dia... -, e como eu tinha muito medo de fogo, de me queimar, medo do fogo do inferno, e minha mãe dizia que era dez vezes mais que esse fogo daqui, então ali eu descobri o que era o inferno, não era o inferno do outro lado, que você vai ver capetas, vai se queimar. Não. O inferno ali era o inferno em vida, não tinha nenhuma diferença do "desceu ao inferno no terceiro dia". Eu sabia dali por diante o que era descer ao inferno, onde o homem perde toda sua dignidade, e quando chega ao presídio é jogado de lado e esse método funciona até hoje. Não tem psicólogo, não tem psiquiatra, não tem uma terapia ocupacional. Ele é jogado numa triagem e depois colocado numa cela, sem ninguém saber nada sobre ele. Apenas o crime que ele cometeu.

Acredito que o crime que ele cometeu é a coisa que menos interessa, pois já temos um processo que foi feito e já se sabe a barbaridade que ele cometeu ou não. E a função do presídio dali pra frente seria ressocializá-lo, trabalhar sua dignidade, os seus anseios, respeitar o que ele pensa, daí muitas vezes se tem dado ideias nos presídios do que deveríamos fazer.

Procurar ouvir mais o preso, porque sabemos que prendemos o homem, mas não prendemos seus pensamentos; suas ideias continuam lá e damos ideia de se colocar lá, academia, sala de aula, pintura, enfim atividades que preenchessem o tempo deles durante 24 horas, mas o que acontece é justamente o contrário. Ele não tem nenhum desses momentos preenchidos a não ser tudo aquilo que foge aos direitos que ele tem, porque no Brasil tem uma cartilha que fala dos direitos dos presos, quando são encarcerados em regime fechado e um deles diz que

a policia não devia estar lá dentro, mas o que a gente vê é a policia lá.

Ele tem direito a uma cama, uma cela individual, sanitário, roupa de cama, mas nada disso funciona. Eu nunca vi nada disso funcionando, antigamente, e nem hoje em dia. Mesmo eu tendo saído há onze anos a situação não continua idêntica, pois piorou. Como disse no início, comecei a visitar os presídios da APAC, que pouco depois começou a esvaziar-se e continuei o trabalho na Pastoral Carcerária da Arquidiocese a convite de um padre canadense que passou por aqui, padre Geraldo Mauzeroll, que levou ao conhecimento do D. Aloisio, de quem teve total aprovação, devido o mesmo conhecer o trabalho que já fazíamos no Paulo Sarasate, isso por volta de 1989.

Com D. Aloisio foram 11 anos de trabalho, onde tive a felicidade de conhecer um santo em vida, que se interessava demais pela situação dos presídios, a ponto de ligar-me às 5h30min da manhã para me perguntar: - Santinha, como estão as coisas por lá? – E eu tinha que ir ao presídio para dizer-lhe como a situação estava. Durante todos esses anos o vi ir fazer visitas pastorais ao presídio, nas quintas-feira das semanas santas fazer a cerimônia do lava-pés e qualquer cerimônia a que fosse convidado e, de acordo com sua agenda, ele sempre se fazia presente.

Eunízia relata ainda, momentos que são de um antagonismo incrível, mas verossímeis em toda a extensão do seu conteúdo. Temos a narrar um momento que foi maravilhoso. Foi um jogo de futebol entre os presos e os soldados da Policia Militar. Foi uma aventura maravilhosa. Fiquei tão imbuída por esse evento, que foi um desafio do tenente Roberto, acho, que lançou o desafio: - Vamos jogar o meu time contra o seu?- Ele sabia do amor que eu tinha por aquela rapaziada lá dentro. E eu topei. Fui preparar o meu time e ele, lógico, o dele. Só que, na véspera do jogo, tudo pronto, faixas, cartazes, lanches, uniformes, o "estádio"

reformado, "latadas" – que são tendas improvisadas para as autoridades ficarem, era só animação. Quinze dias, antes já vivíamos esse momento. O meu esposo chegou a me chamar e disse: Nega, você está vendo o que você vai fazer? Você já pensou no que pode acontecer com esse pessoal que não se cheira bem? Ai caiu à ficha, mas já estava na véspera e não tinha mais como mudar e agora seja o que Deus quiser.

No dia seguinte, com tudo preparado, fui lá pro presídio e foi interessante porque quando os presos estavam no campo, vinha entrando o time da policia, só que, para cada jogador do time da policia, vinham três ou quatro soldados armados, e quando olhamos para cima, a muralha estava lotada de soldados. Ai os presos quiseram se zangar, e que daquele jeito não iam jogar e diziam:

– Olha ai, D. Eunizia, a senhora preparou o time, que é pra gente amar e tratar bem os outros, olhe eles aí e nós sem nada...

– E eu lhes respondi:

– Vocês são homens ou veste-calças? Ignorem isso, ignorem quem está na muralha, ignorem os seguranças, vocês vão mostrar que não precisam de nada disso, vocês têm que mostrar somente que vão ganhar esse jogo.

E ganhamos. E foi super interessante, depois houve as fotografias, tinham feito uma bandeira, troféu, tinha tudo a que tinham direito e isso ai confirmava aquela teoria do padre Chico Reardon, que era o responsável pela Pastoral Carcerária Nacional, de que, se os presídios tivessem sempre ocupações, diminuiriam bem menos as confusões que existem lá dentro, devido à ociosidade, porque 15 dias antes e 15 dias depois, foi, praticamente, um mês em que só se falou do pré-festa e pós-festa.

Da Generosidade à Crucificação, o Sequestro

O depoimento que transcrevemos agora, não tem cortes ou edição e com certeza levará o (a) leitor (a) a uma reflexão profunda, contundente, cruel e verdadeira sobre a fronteira do amor e do ódio, do pecado e do perdão. - Vinte e quatro de dezembro de mil novecentos e noventa e sete. Dez anos se passaram, agora já completam onze anos e nada mudou.

Nós tínhamos ido alí para fazer um trabalho que a empresária Maria Nilva Alves estava desenvolvendo, um trabalho maravilhoso, dando ocupação aos presos, levando pessoas para tirar identidade, CPF, corte de cabelo, toda uma assistência, distribuindo mais de duas mil cestas básicas, por mês, às famílias dos presidiários e, também, dos agentes e alguns soldados da policia militar e tudo isso caminhava muito bem, até o dia 24 quando fomos fazer a comemoração do Natal. Lá prá três, três e meia, Maria Nilva, Edergil e o Tenente Tomáz estavam numa sala que se chamava Escolinha assistindo uma demonstração de capoeira e eu me encontrava na "Selva de Pedra"-uma ala do presídio- quando um preso veio me chamar.

- Dona Eunizia, estão lhe chamando pra tirar uma fotografia, assistir a demonstração.

– Aí eu fui. Alguma coisa me dizia... que era um sentimento muito ruim, que alguma coisa boa não iria acontecer; também dias antes eu tinha ouvido essa conversa de que iam nos pegar para reféns, e eu, brincando com os presos dizia:

– Vocês façam com todos menos comigo, pois nem para refém eu presto, pois vocês sabem que se me pegarem morrem vocês e eu também, pois se a policia pegar, vai pegar nós todos. Mas aí, diante do chamado, fui até lá na Escolinha e realmente a demonstração de capoeira durou pouco tempo. Começou o ataque e um dos presos pegou a Maria Nilva pelo pescoço, empurrou-me, também, para um canto da sala com o Dr. Edergil e o Tenente Tomáz. Tinham dois revólveres e muitas armas artesanais chamadas "cosocos", e foi uma loucura aquilo ali. Um preso fazia a gritaria, uma confusão, era dia de visitas, um preso falou que estava havendo rebelião lá dentro e a policia já entrou.

Quando a policia entrou, lógico já atirando em direção onde nós estávamos, um dos presos chegou na porta, ele estava armado com um revólver e se colocou, exatamente, na linha de tiro da policia e uma bala de fuzil arrancou o rosto dele, ficou só com o olho pendurado. Ali ele caiu na mesma hora numa poça de sangue, e nós ficamos todos encurralados ali no canto e era muita confusão. E eles queriam saber... Era... Eles queriam atacar de qualquer maneira, queriam entrar e acabar com a coisa, mas acontece que tinha o tenente lá dentro, acredito que se fossemos só nós, civis, eles teriam entrado, mas acontece que tinha o tenente lá dentro que era o chefe da segurança, eles não entraram, ficaram só atirando lá de cima do pavilhão 7, do pavilhão 8, e atiravam e entrou policia que ninguém sabe de onde saiu tanta, então até às nove e meia da noite nós ficamos convivendo ali dentro daquele inferno, com o corpo daquele preso estirado, que só tinha uma banda de rosto com o olho pendurado.

Lá para as 21h 30min, 22h, é que vieram buscar o corpo. Lógico que o sangue ficou lá espalhado na sala. Era uma sala que só tinha duas portas para fechar, era só o buraco. Ora, nós nos encantoávamos num canto, ora noutros e assim passamos a noite toda engatinhando, muitas vezes no escuro encontrando fragmentos de ossos da cabeça do preso que tinha morrido.

Eu não entendia o porquê daquilo tudo. Por que fazer um negócio daquele? Quando sabiam que não tinham nenhuma chance... eram dezenove presos e quatro reféns. Não tínhamos chance nenhuma de sair dali, e quase meia noite, eu já estava com os lábios secos, pois não entrou lá uma gota d'água, não entrou comida, não entrou nada, então eu com os lábios secos o preso pegava a camisa suada e molhava meus lábios, eu sou diabética e a coisa que mais me fazia falta era água, uma adrenalina louca daquela, a boca era muito seca e tinha muita vontade de tomar água.

Perto da meia noite um preso chegou pra mim e disse que tinha estragado o nosso Natal. – Não. Você não estragou meu Natal, o nosso Natal. Você está me proporcionando agora a entender o verdadeiro sentido do Natal. Esse é o melhor Natal da minha vida. Disse ainda ele: - Ah, mas sua família está lhe esperando, com banquete, peru, bebida. Respondí: - Meu filho, isso nada vale, olha o corpo do nosso irmão que ainda estava caído lá no chão, aquele é o banquete verdadeiro. É a troca da vida pela liberdade mesmo que de uma maneira errada. Eles não podiam ter feito uma coisa dessas. Não é assim que se progride na vida, não é assim que se caminha. Então passamos o resto da noite, o dia amanheceu e sempre aquela expectativa, aquela tensão louca.

Nós tínhamos um celular e consegui falar com D. Cláudio e lhe disse que ia morrer todo mundo, os presos e os reféns, se vocês aí fora não tomarem providências, morre todo mundo. Ele me disse que mais uma vez ia tentar

falar com o governador. E não sei se falou ou deixou de falar, eu sei é... Em uma das vezes que me botaram pra falar, eles queriam que a gente dissesse o que nós queríamos ou não e eu cheguei até a porta, segura por dois presos, com uma faca no pescoço e um revólver na cabeça e dizer o que a gente queria. Eu dizia que o que os presos estavam querendo é que a policia saísse dali, e que deixassem que eles resolveriam aquilo ali. E quanto mais se pedia para que a policia saísse, mais entrava policial.

As galerias todas estavam cheias de soldados apontando as armas pra gente. Então quando eu disse isso, eu disse, também, que os homens de bem estavam ali dentro e os covardes estavam fora. Quando eu disse isso, foi com intenção de que eles soubessem que nós ali dentro estávamos mais ou menos controlando aquela situação.

Eles entenderam, porém como agressão e disseram depois que por pouco, muito pouco não invadiram naquela hora o presídio e mataram todo mundo. Daí se vê a não preparação das pessoas que estavam lidando com os presos. Aqui eu só faço um destaque Dr. Luiz Carlos Dantas, que disse: - rapaz, a gente precisa entender porque ela está dizendo isso, é uma maneira dela dizer que está do lado dos presos, para que a gente possa contornar esta situação da melhor maneira. Só por isso não invadiram e não mataram todo mundo. Se não fosse o Dr. Luiz Carlos Dantas, que é uma pessoa que eu considero realmente preparada para qualquer situação dessas, é um policial que tem faro, que tem... É um danado, entendeu, perfeitamente, o que eu estava dizendo, mas mesmo, assim, ficaram com muita raiva, não mandaram água, não mandaram comida, não mandaram nada.

Ao início da madrugada choveu, então você imagina a chuva de dezembro no Paulo Sarasate, naquele telhado imundo, aí nós apanhávamos um pouco daquela água suja para poder molhar os lábios. Os presos das galerias

tentavam jogar garrafas d'água, só que o espaço onde estávamos, para eles, era muito grande, e lógico, que essa garrafa caía e se partia e a água não chegava até nós. Ficaram, então, as negociações da seguinte maneira: o que os presos queriam eram armas, quatro carros, jornais, lençóis para enrolar os reféns, jornais para tampar os vidros dos carros.

Já tinham se passado vinte e quatro horas, porque já era 16h 30min do dia seguinte. Lá para as tantas, chegaram os carros, mas os policiais exigiram que o tenente fosse solto. Eu acho que foi a maior besteira que se fez na vida, porque se o tenente estivesse em um dos carros como refém eles não teriam feito o que fizeram. Havia ainda duas mulheres, eu a Maria Nilva, e nós sabíamos que ali quem corria mais risco de vida pelos presos seria o policial, e os presos concordaram em entregar o tenente. Ficamos só nós três à mercê das feras, porque os presos pediram quatro carros, meia hora depois liberariam os reféns e cada qual ia seguir o seu rumo. Na hora em que íamos saindo, lembro que eu dei um abraço num preso chamado Moraes. Ali estava todo mundo suado, roupa suja de sangue, do chão que tinha urina, que improvisamos um banheiro no canto da sala, e ali, quando eu ou Maria Nilva íamos ao canto da sala, todos os presos se voltavam, ficavam de costas e aquele que virasse a cabeça, morreria, tal foi o respeito que os bandidos tiveram com os reféns.

Depois chegaram os carros e foi todo aquele frenesi, aquela loucura de se preparar aqueles carros, de cobrir com jornal, dos reféns se enrolarem nos lençóis, para não saberem quem era, nem no carro em que iam, e entramos nos carros e saímos. Dois carros iriam tomar a direção de Fortaleza e dois carros iriam tomar a direção de Pacajus. Só que quando nós chegamos na BR/116, a estrada estava bloqueada para Fortaleza, então teve que sair todo mundo à procura de Pacajus.

Os policiais misturaram nos carros óleo com gasolina. Enquanto queimou a gasolina, muito bem, porém quando entrou o óleo, o carro em que nós estávamos começou a dar uns pinotes e começou a querer estancar, então o Calixto, o preso que ia dirigindo, pediu que nós rasgássemos o papel pra ver se vinha alguém atrás da gente.

– Dona Eunízia, rasgue aí o papel do vidro traseiro!

E quando rasguei o papel: vi que era a policia que tinha chegado. Eles atirando, começaram a atirar em direção do carro. Foi quando eu senti a primeira fisgada nas costas, o primeiro tiro nas costas.

O carro já tinha, realmente, estancado e ele só fez dizer: vombora, "vombora, rapaziada, se entregar, aí não se pode ir mais longe". Desceu do carro já com as mãos para cima. Eu estava entre os dois presos e mais dois presos na frente. O preso da frente ao lado do Calixto era o Dedezinho, o que estava do meu lado esquerdo era o Morais e do outro lado um preso que chamavam de Dragão. Antes da gente entrar nos carros para sair do presídio, eu dei um abraço no Morais e ali a gente sabia que não ia mais se ver, cada qual ia pegar seu rumo, eu brincando, disse-lhe:

– Morais, tu estás fedendo mais que macaco morto à peixeira.

Ele, abraçado comigo, disse:

– Doutora desculpe, mas a senhora também.

E me mostrava o cossôco e o revólver e dizia:

– "A senhora está vendo essas armas? Jamais serão usadas contra a senhora. Eu estou pronto para dar a minha vida pela vida da senhora".

E realmente cumpriu a promessa. Eu estava no meio, entre os dois e todos os tiros que vinham da lateral ele jogava o corpo dele em cima do meu. É tanto que o laudo cadavérico dele aparece assim como uma tábua de pirulito,

todo furado. Eu já estava baleada nas costas e eles tanto atiravam do lado esquerdo como do lado direito, além dos tiros que vinham do helicóptero, onde o teto do carro ficou totalmente perfurado.

O Dragão, também, foi baleado. O Calixto entregou-se logo e ficou deitado, mas quando eles perceberam que ainda tinha um preso dentro do carro, que era o Dedezinho, que tinha se abaixado debaixo do porta-luvas, disseram:

– Tem um bicho aqui dentro, tem um bicho aqui dentro!

Deram uma nova rajada de balas, quando me balearam à altura do rim esquerdo. Dalí foi tirar todo mundo de dentro do carro. Eles sabiam que tinha um refém dentro do carro e que estava baleado, mas mesmo, assim, não ligavam. Deitaram os presos no asfalto, recuou um dos policiais, eu me lembro bem que ele era canhoto, foi quando deu a sentença do Calixto. Baleou-o, acho que primeiro na perna, no braço e, por último, com um a pistola deu o tiro de misericórdia.

Até então na vida, pensava que a fala vinha da garganta. Dali eu ouvi um urro de dor. Era como um urso sendo atacado. E eu ouvia aquele uivo de dor, e senti que aquela fala vinha de muito mais abaixo, vinha lá de dentro do diafragma, e o preso ter aquele estertor, se tremer todo no asfalto e ali ficar dentro de uma poça de sangue.

Estou com essa idade, 67 anos e, se viver muito mais, todos os anos que tiver de vida, jamais esquecerei aquela cena e jamais aquele grito de dor daquele homem sairá dos meus ouvidos. Depois daquilo tudo me tiraram de dentro do carro, botaram-me dentro de um carro da polícia. Fiquei calada o tempo todo, não falei de jeito nenhum, com medo, até quando, no caminho, encontramos uma ambulância e veio o pessoal dos bombeiros. Fui transferida desse carro

da policia para o carro dos bombeiros. E eles queriam me levar para o IJF, e eu disse:

- Olha, eu não preciso ir pro IJF, tenho plano de saúde e posso ficar no Hospital Antônio Prudente, que já é ali na rota, na Av. Aguanambi. E aí foi o que realmente aconteceu.

Na chegada ao hospital encontrei o Coronel Amaral, Dra. Sandra e eu fui entrando e dizendo que ia dizer tudo o que tinha visto, e me disseram:

- Você não é nem doida! Você vai comprar uma briga com a polícia.

E eu disse:

- Eu compro briga é com qualquer um, mas eu vou dizer a verdade.

Logo depois chegou o D. Cláudio Humes que era o Cardeal, pediu, também, que eu tivesse calma, que eu visse o que ia fazer. Eu disse-lhe:

- D. Cláudio, se o senhor veio aqui para me pedir para ter calma, perdeu seu tempo, porque vou abrir a minha boca e dizer o que vi.

Eu não perdi os sentidos, não desmaiei, não chorei, não tive nenhuma crise louca. Eu vi tudo. Aconteceu tudo na minha frente. Mais tarde, lá prá 19h 30min, teve um episódio que me comoveu demais. Foi quando recebi a visita do Demócrito do jornal O Povo e da Vânia. E a Vânia trazia um panetonne, e então que entendi ali ela vinha me trazer não era um panetonne só do Natal, não tinha só esse significado. Ela vinha trazer-me o pão da vida.

Outra coisa com a qual, também, fiquei traumatizada foi com a falta da água. Quando cheguei no hospital, pensei que tomava um belo banho, iam me dar um copo d'água bem gelada, e o médico dizia:

- A senhora não vai tomar água porque a senhora pode, ainda, passar por uma cirurgia e não pode tomar água.

Então fui tomar água só no dia seguinte.

Radiografias de frente, de costas, perfil, rastrearam a barriga com ultrassom e a bala do pulmão esquerdo não foi encontrada. A da cintura tinha o buraco da entrada e o rabinho da saída, mas a do pulmão bateu e foi pra onde? Bateu e voltou? Aí foi quando o doutor me disse que eles, médicos, custavam a admitir o que ele estava vendo, mas ele estava diante de um milagre, porque a cicatriz que até hoje ainda tenho na altura do pulmão, se a bala tivesse trespassado eu não estaria hoje contando a história, porque tinha sido pulmão e coração.

Passei esses dias lá no hospital e de lá já comecei a ouvir as ameaças de morte, dizendo que eu tivesse cuidado com a vida, que calasse a boca, e, às vezes, brincando dizia:

- Mas atiraram foi no meu pulmão e no meu rim, não atiraram na língua.

Então sempre que vinham me entrevistar, povo não faltava dentro daquele hospital, rádio, jornal e televisão, então eu dizia a mesma coisa, o que eu tinha visto, porque eles queriam que eu dissesse que a coisa tinha sido o contrário, tinha sido um tiroteio, uma troca de tiros entre os presos e os policiais. Como foi troca de tiro, se os presos não atiraram? Só quem atirou foi a policia. Então mataram oito presos, um perdeu a perna naquele carro que se partiu ao meio e outro morreu no acidente, o Rogério, que chamavam Melãozinho. Então ali o estraçalhado foi grande, foi uma coisa séria.

No Hospital Antonio Prudente, quando recebi alta, foi feita uma limpeza cirúrgica para tirar as carnes queimadas das bordas. Fiquei lá ainda um dia ou dois e tive

que sair já mascarada, disfarçada, porque eles diziam que iam me matar ali dentro. Os telefonemas que recebia eram sempre me ameaçando de morte. Então saí, fui pra casa e depois pediram segurança ao governador e ele queria que a minha segurança fosse feita pela Policia Militar. Como que eu iria entregar o ouro ao bandido? Eu estou ameaçando a Policia Militar e, a policia...não, eu dispenso segurança.

Aconteceu que naquela época eu fazia parte de todas as comissões de direitos humanos. Recebi visita da Rosa da Fonseca, Maria Luiza Fontenele, João Alfredo, Mário Mamede, Arimar Rocha, Deodato Ramalho, do Procurador da República, Dr.Mamede, que tomou meu depoimento lá, foram feitos dois exames de corpo de delito pela Dra. Alzira e pelo Dr. Eioram, porque até isso eles queriam negar.

Queriam que eu negasse e dissesse que aqueles ferimentos tinham sido de cossoco, mas não era, todo mundo via que eram dois tiros. Estavam dizendo, também, que eu não devia me comprometer com exame de corpo de delito, tudo mentira, porque eu não omiti, essa história eu conto hoje, conto amanhã, contarei enquanto vida eu tiver, não tenho nenhuma necessidade de mentir.

Depois fui procurada por um tenente da policia que pedia que eu voltasse atrás.

– Voltar por que, cabra, se eu não estou nem doida? Como é que eu vou te contar uma história no Natal de um jeito e em fevereiro vou contar outra coisa... não... E ele:

– Não, até rei volta atrás.

Eu não sou rainha, por isso é que não volto, disse-lhe. Então a minha história será sempre essa. Não estou querendo dizer que toda a policia não presta, não é isso. Existe o policial-policial, responsável, digno, mas existe o policial covarde, porque a maneira como mataram os presos, emborcados, sem nem saber que iam morrer, foi um

ato de pura covardia. Se tivessem desemborcado aquele preso e tivesse dito:

– Olha filho de uma égua, tu vai morrer.

Eu teria ficado calada, mas não foi, eles foram emborcados. Não sabiam de maneira nenhuma que iam receber aquilo tudo.

Então, voltando, assim, ao assunto da segurança, o pessoal das comissões dos direitos humanos queria que a minha segurança fosse feita pela Policia Federal, e acho que o governador achava, que... Para que? Uma favelada, diante do que ele é, receber segurança da Policia Federal... Mas como eu fazia parte das comissões de direitos humanos e da anistia internacional, veio de São Paulo James Cavallaro, que ouviu o meu depoimento, veio de Londres Fiona Mckaulin, que era naquela época a presidenta internacional da anistia e em menos de 48 horas o governo recebeu mais de 500 cartas do mundo inteiro, pedindo pela minha segurança, diziam. Não gosto de história de "ouvir dizer", que com muita raiva, muito a contra-gosto dele, o governador teve que pegar o telefone, ligar para o Renam Calheiros, na época Ministro da Justiça e pedir a segurança para mim.

Passei 1 ano e dois meses com dois policiais federais dentro de casa. Para onde ia, fosse para feira, para missa, um aniversário, onde quer que fosse. Sofri muito, porque no prédio onde eu morava, a viatura da Policia Federal ficava embaixo, os dois policiais subiam, ficavam no apartamento e um dos vizinhos quis fazer um abaixo-assinado para me tirar dali, porque todo mundo tinha medo de que onde eu estivesse a policia podia chegar para matar-me e acabar matando outra pessoa. Mas graças a Deus, tinha uma pessoa lá muito minha amiga, um juiz do trabalho, Dr. Ruperto que disse:

– Rapaz, de jeito nenhum. È um direito que ela tem de ficar aí, não vai ninguém entrar aqui não, e é até bom que agora a gente tá com a Policia Federal aqui dentro.

E daí, daquela convivência que muitas pessoas pensavam assim:

– Eunizia, é muito constrangimento duas pessoas assim, dentro de casa, tu todo o tempo vigiada...

– Que nada rapaz, eu agora tenho uma família dentro da Policia Federal. Eram policiais decentes, um outro nível, é como deveriam ser, também, os profissionais da Policia Militar, da Policia Civil, ter um nível superior, ter curso de humanidade, saber enfrentar qualquer situação. Hoje eu tenho uma família, se tornaram filhos tomando conta da mãe.



Eunízia e o esposo Murilo.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Música de Alberto Nepomuceno

Letra de Tomás Lopes

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que tua glória conta!
Terra, o teu nome e a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
Nome que brilha – esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E despertando, deslumbrada, ao vê-las
Ressoa a voz dos ninhos...
Há de florar nas rosas e nos cravos
Rubros o sangue ardente dos escravos.

Seja teu verbo a voz do coração,
verbo de paz e amor do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
e foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada!
Que importa que no seu barco seja um nada
Na vastidão do oceano,
Se à proa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros!

Sim, nós te amamos, em aventuras e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em meses, nos estios
E bosques, pelas águas!
selvas e rios, serras e florestas
Brotem no solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal
sobre as revoltas águas dos teus mares!
E desfaldado diga aos céus e aos mares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi na paz da cor das hóstias brancas!

Mesa Diretora 2013-2014

Deputado José Albuquerque
Presidente

Deputado Tin Gomes
1º Vice-Presidente

Deputado Lucílio Girão
2º Vice-Presidente

Deputado Sérgio Aguiar
1º Secretário

Deputado Manoel Duca
2º Secretário

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dedé Teixeira
4º Secretário



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**